
Religião, Corpo e Sociedade do Espetáculo: o Caso da Família Poncio¹

Agatha de Sousa MOURA²

Samuel Pablo Costa de ALMEIDA³

Karla Regina Macena Pereira PATRIOTA⁴

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Fruto de uma pesquisa de inspiração etnográfica e revisão de literatura no campo comunicacional e religioso, este trabalho foi desenvolvido a partir de um projeto de PIBIC no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco. Nele, analisamos um episódio que envolve um midiático clã de religiosos pentecostais: a família Poncio. A pesquisa permitiu concluir que as imagens veiculadas pelos Poncio, nas redes sociais, demarcam o imbricamento entre o que é público e o que é privado, quando o que está em pauta é a tentativa de ruptura para a (re)construção de novos discursos e posicionamentos religiosos e/ou sociais. Tudo em total diálogo com uma sociedade de essência espetacular, cujas relações mediadas por imagens, como postulou Guy Debord, revelam as incoerências das figuras públicas dentro dos espaços legitimados e circunscritos pelo “religioso”.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; Corpo; Sociedade do Espetáculo.

1. Introdução

Brigas, traições, reconciliações, dinheiro e muitas polêmicas envolvidas. O que parece o cenário de um filme, na verdade é a vida real da família Poncio, esta que vem ganhando bastante notoriedade na mídia durante os últimos anos. O poder que a família possui para influenciar pessoas é notável, sobretudo por intermédio das redes sociais. Quaisquer atitudes ou posicionamentos dos membros da família Poncio geram grande repercussão social, através da ampla cobertura da mídia secular.

A fama começou em meados de 2018, quando a namorada de Saulo (filho do pastor Márcio Poncio e ex-integrante da banda Um44K) anunciou que a filha que havia tido não era dele, mas de Jonathan Couto (marido da irmã de Saulo, Sarah). Desse tempo até o presente momento, a família se envolveu em acusações de agressões físicas,

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduada do Curso de Publicidade da UFPE e mestrandia em Administração na UFPE, e-mail: agatha.moura@ufpe.br.

³ Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de História da UFPE, e-mail: samuelpablocostadealmeida@gmail.com.

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Sociologia e Mestre em Comunicação. Professora do Curso de Publicidade da UFPE, e-mail: karla.patriota@ufpe.br.

problemas na justiça, traições matrimoniais que foram expostas em sites de fofoca, conversas privadas, imagens de câmeras de segurança sendo vazadas e, por fim, histórias de redenção.

Em um episódio anterior, Saulo Poncio e Gabriela Brandt foram “flagrados” na tentativa de esconder tatuagens que fizeram há alguns anos, com a utilização de camisas de manga longa. Tal comportamento parece reforçar a tese de Debord (2003) de que, na sociedade do espetáculo, vemos emergir uma falsa realidade, intermediada por representações imagéticas veiculadas, em grande escala, pelos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, a atitude do casal Saulo e Gabriela demarca, em sua superfície, a tentativa de construir uma imagem outra, mais vinculada ao corpo pautado/controlado por concepções e dogmas religiosos. Já que a Bíblia, no seu livro dedicado às Leis (Levítico 19:28), do Antigo Testamento - na interpretação de algumas igrejas e perspectivas cristãs - parece “condenar” tatuagens: “Não façam cortes no corpo por causa dos mortos nem tatuagens em vocês mesmos. Eu sou o Senhor”.

No presente trabalho, analisamos um episódio específico, ocorrido em novembro de 2019, quando foi celebrado o primeiro casamento homoafetivo da igreja em que Márcio e Simone Poncio, sua esposa, pastoreiam, a Igreja Pentecostal Anabatista, localizada no bairro nobre da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. No dia do casamento, Simone divulgou em seu perfil do Instagram um ensaio fotográfico, no qual ela posava, juntamente com o casal homoafetivo, apenas com tecidos cobrindo o seu corpo desnudo. Houve uma grande repercussão na internet, fazendo com que o assunto fosse pauta de diversos jornais.

O que torna esse objeto interessante para o presente artigo não é apenas a polêmica gerada, mas a possibilidade de perceber relações que podem ser tecidas entre os acontecimentos que permeiam a vida midiática da família Poncio, a sociedade do espetáculo e o corpo na perspectiva religiosa.

Para trazer clareza à nossa incursão analítica, por intermédio de revisão de literatura e investimento na abordagem de inspiração etnográfica no ambiente da web, objetivamos estabelecer uma relação entre o referido caso e os postulados teóricos de Guy Debord, na sua obra inaugural: “A Sociedade do Espetáculo”, que evidencia o espetáculo como apropriação da cultura, esta que foi tornada uma mercadoria a ser consumida.

Nessa perspectiva, é de mister importância ressaltar que, na contemporaneidade, presencia-se uma sociedade demasiadamente pautada em imagens, o que faz o caso da família Poncio ser extremamente relevante para ilustrar, sobretudo, o impacto disso no âmbito familiar. Dessa forma, é imprescindível a discussão sobre o entrelaçamento entre o espaço público e o privado, sobretudo com o advento da intensificação do uso das mídias sociais.

2. As apropriações do cotidiano Familiar E A Sociedade Do Espetáculo

A priori, para um melhor entendimento do espaço político que ocupa a família Poncio, faz-se necessário delimitar as relações entre público e privado. Conforme apontam Carloto e Mariano (2010), a família ocupa um lócus privado no que se refere ao espaço da vida doméstica, às relações interpessoais e à subjetividade. Entretanto, é imprescindível observar que a referida instituição também se faz presente no espaço público, visto que possui interesses civis e universais, bem como uma participação política pertencente à coletividade.

Se realizarmos certa digressão histórica, observaremos que a separação clássica entre esfera pública e esfera privada remonta ao período das antigas cidades gregas. Segundo Prior e Sousa (2014), os helenos foram os que mais promoveram a separação entre o espaço direcionado ao individual e aquele que corresponde ao coletivo. Dessa forma, as singularidades dessas sociedade mais antigas representavam, de forma acentuadamente marcada, a dimensão da domesticidade e, portanto, não deveriam ser partilhadas em âmbito público.

No que se refere ao período correspondente à Idade Média, no entanto, o conceito de espaço público ganha nova configuração. A *Res Familiaris* proporcionou um entendimento diferente quanto ao corpo familiar em âmbito coletivo, não mais individual, visto que a organização dos espaços públicos, no contexto feudal, era a personificação do convívio em comunidade (ARIÈS e DUBY, 1997). Nessa perspectiva, as estruturas feudais - ruas, praças, equipamentos, mansos servil, senhorial e, sobretudo, comunal - foram apropriados em caráter ambíguo, isto é, ao mesmo tempo como sendo públicos e privados.

Conforme apontam Prior e Sousa (2014, p. 3), “durante o período do Absolutismo Régio foi, precisamente, a distinção público – não público que

fundamentou e legitimou a doutrina política da razão de Estado”. Portanto, a modernidade marcou novamente uma forte separação entre a familiaridade e a coletividade. Isso pode ser ilustrado pelas famílias pertencentes à nobreza, visto que, para aparição em público, fazia-se necessário a utilização de vestimentas adequadas à constituição simbólica da classe social na qual estavam inseridos, pois os corpos políticos adornados escondiam os defeitos do corpo pessoal, estes que deveriam ser mantidos na esfera privada.

Entretanto, ao nos depararmos com o caso da família Poncio, na contemporaneidade, é perfeitamente possível afirmar que há um profundo imbricamento entre público e privado no âmbito familiar. Algo que nos transporta para as reflexões de Bauman (2011) quando o autor coloca em xeque noções e conceitos, a priori antagônicos, como “privacidade” e “publicidade”, que derivam de “privado” e “público”, campos semânticos normalmente separados “por fronteiras demarcadas: linhas intransponíveis, de preferência fechadas com rigidez e pesadamente fortificadas de ambos os lados para impedir transgressões (invasores ou trãsufugas, sobretudo desertores)” (BAUMAN, 2011, p. 37).

Não por acaso, o espaço virtual é o facilitador maior para a publicização da vida privada, visto que as subjetividades individuais dos sujeitos são cultuadas e multiplicadas, quando tornadas públicas nas redes sociais (QUADROS & MARCON, 2014). Nessa perspectiva, é perfeitamente possível afirmar que, após o isolamento social imposto para o combate à pandemia do COVID-19, no ano de 2020, houve a intensificação desses usuários no ambiente virtual, o que acaba por consolidar o imbricamento da vida pública com a privada, sobretudo no que se refere aos famosos, como é o caso dos membros da família Poncio.

Trata-se, a grosso modo, de um contínuo “borramento” entre as marcações ou fronteiras do que é de domínio público do que é do domínio do privado. Na contemporaneidade, são inúmeras as manifestações privadas que transbordam na esfera pública, principalmente na sociedade em rede na qual estamos imersos, com seus incontáveis espaços digitais chancelando e permitindo que qualquer pessoa se pronuncie, exiba ou exponha sua vida privada: “o que importa para muitos não é mais o segredo e o sigilo, e sim o espetáculo, a fama – mesmo que momentânea –, além da

publicização de suas ideias, concepções e da sua imagem, para não dizer de si mesmo” (QUADROS & MARCON, 2014, p.72).

Isso pode ser explicado pela forte presença de uma cultura de consumo demasiadamente pautada em imagens, caracterizando a sociedade do espetáculo (DEBORD, 2003). Nesse sentido, percebe-se que o espetáculo apropriou-se da cultura, esta que foi tornada uma mercadoria a ser consumida.

Além disso, esse contexto marca relações sociais midiaticizadas por imagens, fomentando a concepção de que - conforme demarcou Debord (2003, p.17) - ” o que aparece é bom e o que é bom aparece”. É nesse sentido que o caso da família Poncio se insere. Envolvidos em inúmeras polêmicas anteriores, os membros da família tornaram-se, novamente, personagens principais em um novo caso: a matriarca e influenciadora digital, Simone Poncio, esposa do pastor Márcio Poncio, realizou um ensaio sensual ao lado do primeiro casal homoafetivo abençoado e casado por sua congregação religiosa (figura 1). Segundo a família, o intuito de posar dessa maneira seria demonstrar, de forma metafórica, que se faz necessário “despir-se” de quaisquer preconceitos.

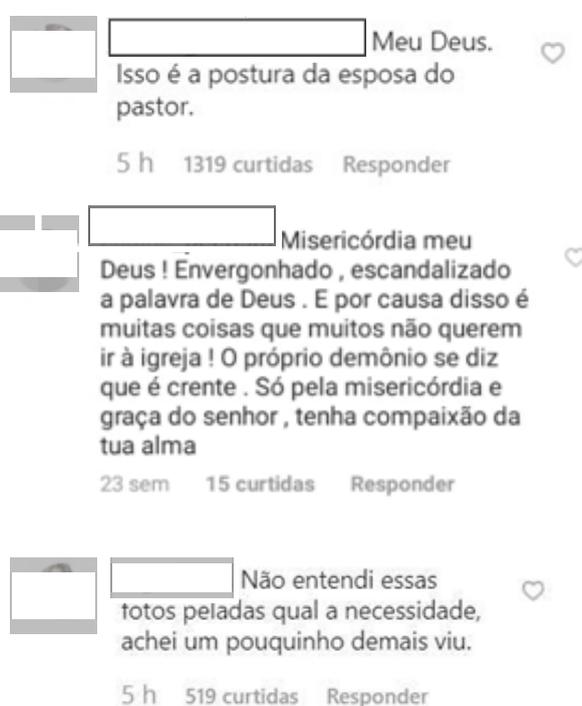
Figura 1 - Simone faz ensaio sensual ao lado de casal homoafetivo.



Fonte: Instagram de Simone Poncio.

Parece-nos, pelo posicionamento assumido por Simone, que ela sentiu a necessidade de demarcar uma nova imagem relacionada à homoafetividade, a fim de combater ideologias e atitudes preconceituosas. Nesse sentido, esse sentimento reforça o contexto de uma sociedade que reproduz imagens que ‘aparecem’, sobretudo de pessoas que são consideradas referências. No entanto, os seguidores da influenciadora – em sua maioria – não reagiram bem às fotos (figura 2), fazendo com que estas fossem todas apagadas do seu perfil do Instagram.

Figura 2 - Comentários nas fotos postadas por Simone no Instagram



Fonte: Printscreen do Instagram de Simone Poncio.

Esse fato, em grande medida, parece corroborar com a supervalorização do corpo tido por religioso, visto que não importa o espaço político que ele ocupe, sempre será vinculado às concepções religiosas mais tradicionais e conservadoras. Tais concepções podem e, normalmente, são certos mecanismos de controle para evitar que esses corpos religiosos se secularizem, pois, ao se condenar alguém ou obrigar uma determinada postura, acaba-se por responsabilizá-lo pelos resultados de suas ações e “a

relação com Deus apresenta-se muito mais mediada pela noção de autonomia do que pela noção de dependência.” (TEIXEIRA, 2018, p.99).

3. Consumo Religioso da Família Poncio e a Sociedade do Espetáculo

Como já citado anteriormente, Márcio Poncio é o patriarca da família, pastor e vice-presidente da Igreja Pentecostal Anabatista. Sendo assim, os membros da família acabam sendo influenciados tanto pela teologia pentecostal, quanto pela teologia anabatista, seja por meio dos cultos ou retiros para oração e jejum, eventos estes amplamente divulgados em suas redes sociais.

A Igreja Pentecostal é conhecida como uma denominação evangélica tradicional que, conforme aponta Carvalhaes (2010), enfatiza o dom de línguas e profecias (o próprio termo “Pentecostal” deriva do dia de Pentecostes, dia relatado na Bíblia no qual os crentes em Jesus ficaram cheios do Espírito Santo e falaram em outras línguas). Além do dom de línguas, pode-se perceber que é uma denominação que preza bastante pela experiência emocional, sendo constantes os cultos de “libertação” ou “cura”. Atualmente, o pentecostalismo possui uma gama de distintas vertentes que possuem diferentes perfis, como a Igreja Assembleia de Deus e a Igreja Deus é Amor.

No caso da denominação seguida pela família Poncio, o pentecostalismo se associa ao anabatismo, configurando, segundo o site da própria igreja, numa denominação que profere durante os cultos mensagens de revelação pelo Espírito Santo. É interessante lembrar que os anabatistas tiveram sua origem por volta de 1520, durante a Reforma Protestante. Assim como os grupos liderados pelos reformadores Lutero, Calvino e Zuínglio, os anabatistas estavam inconformados com a “imoralidade” e com os “abusos” praticados pela Igreja Católica; mas os anabatistas se aprofundaram ainda mais nas críticas, discordando da maioria dos protestantes em relação ao batismo infantil, defendendo o batismo de adultos por imersão e a separação total entre Igreja e Estado (ROSA, 2016).

É difícil sistematizar as crenças desse grupo, visto que houve muitas comunidades com diferentes pensamentos em relação às doutrinas. Os anabatistas foram duramente perseguidos na Europa e acabaram migrando para a América do Norte, sendo ancestrais diretos de metodistas, batistas, amishes, quackers e outros grupos evangélicos. Além desses elementos, nos vídeos compartilhados pela família, podemos

perceber características na igreja como o uso do véu para as mulheres, ambiente escuro e com luzes coloridas, além de cânticos conhecidos no meio gospel como “*worship*”.

Figura 3 - Simone, Sarah e Gabriela Brandt na igreja, foto postada nos stories pelo Pr. Márcio



Fonte: Instagram Treta dos Poncios

Acerca da homoafetividade, muitos dos discursos no âmbito das igrejas pentecostais fomentam a ideia de cura e reestruturação da orientação sexual, sendo comuns os cultos de libertação e aconselhamentos pastorais que visam ajudar as pessoas que desejam abandonar a homossexualidade (NATIVIDADE, 2003). No entanto, percebe-se que os membros da família Poncio, apesar de pertencerem a uma Igreja que se intitula norteadora pelo pentecostalismo, vão de encontro ao estereótipo supracitado para se posicionarem como inclusivos e acolhedores para os membros que se relacionam de forma homoafetiva.

Em nossa sociedade, há uma forte presença de uma cultura de consumo pautada em imagens, o que se aprofunda ainda mais por meio das redes sociais. No caso da família em questão, que é extremamente midiaticizada e exposta nas redes - inclusive em momentos que, em tese, seriam privados, como orações, por exemplo -, percebemos que a postura da família acaba gerando polêmicas e sendo vista pelo público como incoerente, principalmente por fazerem parte de uma denominação evangélica

tradicional. Para muitos dos seguidores e espectadores do dia a dia da família, a imagética de um ‘crente’ pentecostal não se encaixa com a imagem passada pela família. Além do episódio do ensaio sensual, outro ponto costumeiramente abordado nos comentários dos seguidores em relação à suposta incoerência é o fato de o pastor Márcio ser dono de uma fábrica de cigarros, prática condenada por boa parte dos evangélicos.

Porém, é importante perceber que muitas vezes é criada uma confusão entre o que é fictício e o que é realidade. Na sociedade do espetáculo, a vida se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos, o que traz à tona uma dicotomia entre o que é diretamente vivido e o que é representação (DEBORD, 2003). As imagens que vemos da família são aquelas que eles escolhem divulgar, o que eles acham interessante ou relevante para colocar nas redes, afinal, “o que aparece é bom e o que é bom aparece” (DEBORD, 2003, p.17).

Pensando nisso, surgem questionamentos de qual seria, de fato, a imagem que Simone Poncio tinha como objetivo propagar quando postou o seu ensaio fotográfico. Analisando as fotos postadas, podemos perceber que são utilizadas várias simbologias, como roupas da cor branca, que indica neutralidade, pureza, inocência e castidade (FARINA, PEREZ e BASTOS, 2011). Na primeira foto (Figura 4), Simone faz um sinal com as mãos que, pode indicar tanto a separação entre ela e o casal (algum afastamento físico e emocional), representando a posição que a pastora possuía anteriormente, mas que foi deixada de lado e atualmente é vista como uma atitude preconceituosa por ela, mas também pode significar que ela está abençoando a pureza da união (todos de branco).

Figura 4 - Foto inicial do ensaio postado por Simone Poncio



Fonte: Reprodução do Instagram de Simone Poncio/Revista Quem

Por outro lado, na segunda foto (Figura 5), os três continuam com as mesmas roupas que estavam na primeira imagem, mas a pastora abandona a posição de afastamento e se junta ao casal, o que pode simbolizar uma união entre os três e o apoio ou concretização da “bênção” e acolhida de Simone.

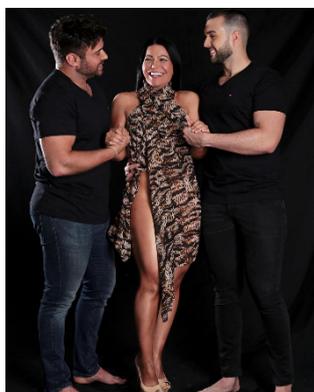
Figura 5 - Ensaio postado por Simone Poncio



Fonte: Reprodução do Instagram de Simone Poncio/Revista Quem

Diferentemente da cor branca, a cor preta traz associações bastante negativas, como melancolia, angústia, dor e também renúncia (FARINA, PEREZ, BASTOS, 2011). Na Figura 6, podemos perceber que houve uma mudança nas vestimentas das três pessoas: o casal passou a vestir camisetas pretas, enquanto Simone trocou seu vestido branco por um vestido com uma grande fenda nas pernas e sem roupas íntimas.

Figura 6 - Ensaio postado por Simone Poncio



Fonte: Reprodução do Instagram de Simone Poncio/Revista Quem

Na última foto, a mais chocante para a maioria dos seguidores que postaram suas reprovações, o casal continua com as mesmas roupas, enquanto Simone está nua, apenas com um lenço e com os braços cobrindo as partes íntimas. Sobre a nudez, em um dos comentários da publicação de Simone, Geraldo Segreto (um dos noivos) disse: “Ela se despiu do preconceito e dos tabus para pregar o verdadeiro evangelho de Cristo que é o amor”, simbologia que foi confirmada tanto pelo texto divulgado por Simone quanto por comentários da sua filha, Sarah.

Figura 7 - Ensaio postado por Simone Poncio



Fonte: Reprodução do Instagram de Simone Poncio/Revista Quem

4. Ativismo Político em Igrejas Evangélicas e a Imagética dos Personagens Religiosos

Conforme demarcam Sales e Mariano (2019), embora sejam minoritários e sofram com a desconfiança de grupos conservadores das igrejas e dos movimentos sociais, os grupos evangélicos progressistas vêm crescendo nos últimos anos. Como não possuem influência nos grandes meios de comunicação de massa, utilizam-se das redes sociais para propagar ideais feministas, antirracistas, contrários à discriminação por credo religioso ou pela orientação sexual, entre outras causas abraçadas por eles.

Nesse sentido, o caso de Simone Poncio, abordado neste trabalho, parece demonstrar a tentativa de fortalecer a ala religiosa que, de certo modo, tenta estabelecer um ativismo de caráter político nesses espaços. Para cumprir a proposta, utilizando-se de sua posição de influenciadora digital, realizou a postagem do ensaio fotográfico na

rede social intitulada “*Instagram*”, a fim de concretizar uma imagética que permita naturalizar a materialidade das uniões homoafetivas.

Particularmente, os grupos pentecostais têm posições bastante diversificadas quanto ao assunto da homossexualidade. Parte interpreta como uma possessão, trauma de infância, problemas psíquicos e sociais ou tribulações espirituais, enquanto outro setor - com tendência mais liberal e renovadora - defende a ideia das relações homoafetivas como um dos comportamentos sexuais possíveis na sociedade, encarando como algo natural (MACHADO et. al., 2011).

Com base na análise de inspiração etnográfica realizada na rede social de Simone, quando postou as fotos já descritas nesta análise, percebe-se que esse espaço possui majoritariamente religiosos que possuem posturas mais alinhadas às perspectivas tradicionais da Igreja sobre a homossexualidade. Dessa forma, as críticas foram fervorosas, uma vez que os seus seguidores pontuaram ser uma atitude incoerente defender um casal que estaria ‘contrariando as leis divinas’ ou ‘indo de encontro à moralidade cristã’.

Além disso, o caso ainda é mais complexo por se tratar de uma pessoa que integra a imagem do corpo eclesiástico da Igreja Pentecostal Anabatista, visto que Márcio Poncio - com quem Simone é casada - ocupa o papel de pastor. Nessa perspectiva, a imagem do pastor espetacular na sociedade midiática marca que “a imagem pastoral a ser formada no imaginário individual e coletivo dos fiéis é de um show (wo)man” (FREITAS, 2014, p. 230). Logo, há uma grande expectativa quanto à figura de representantes da Igreja, havendo a vigilância constante de suas posturas e de seus corpos que devem estar de acordo com o pensamento hegemônico de modelos estabelecidos imagética e tradicionalmente no âmbito religioso.

Nesse sentido, quando um membro da Igreja quebra esses parâmetros, adentrando numa posição espetacularmente estabelecida, há uma reação de repúdio por parte dos fiéis, uma vez que acreditam que tal ação não condiz com a família de um pastor, sendo automaticamente julgada pela quebra do ideário imagético relacionado ao seu lugar de fala. Tradicionalmente, a figura do pastor remonta à ideia daquele que orientará as ovelhas para a boa nova; porém, quando o sentido do percurso quebra com as perspectivas conservadoras socialmente e enraizadas na visão do que é sagrado

(significando ‘separado das coisas mundanas’) parece haver a interrupção no entendimento dessa figura religiosa como guia.

Por outro lado, é válido ressaltar que, quando figuras de destaque em igrejas colocam as pautas sociais contemporâneas nos discursos e ações, há adesão de parte dos fiéis que julgam ser importante inserir tais posicionamentos nesses espaços. O fato é que a tentativa de Simone Poncio foi no sentido de reforçar uma imagem sobre a união de casais homoafetivos para torná-la comum, visto que a Sociedade do Espetáculo - segundo Debord (2003) - vive do que aparece, sendo necessário confrontar imagens já estabelecidas e que estão sendo colocadas em dúvida com novas que sejam impactantes o suficiente para serem consolidadas. Porém, não é possível dimensionar a reação dos fiéis e/ou seguidores e como irão reagir a essas medidas.

5. Considerações Finais

O estudo de caso da família Poncio permitiu melhor compreender o lugar que ocupa uma figura pública ligada a um contexto religioso, sobretudo quando consideramos o imbricamento entre os âmbitos público e privado, em especial com o advento das redes sociais. É válido salientar que esse contexto marca uma sociedade extremamente pautada em imagens, mediante as lógicas de consumo, o que explica a dimensão tomada pela divulgação do ensaio fotográfico de Simone com o casal homoafetivo. A repercussão ilustra a impossibilidade de se desvincular da imagem do contexto religioso que ocupa por falar de religião e ser esposa de um pastor.

Nesse sentido, de maneira mais ampla, é perfeitamente possível afirmar que as imagens veiculadas na *internet* reforçam estereótipos. Quando confrontados, as pessoas da sociedade do espetáculo questionam a figura e local dos que emitem a mensagem e se posicionam de tal maneira. Isso porque há uma imagética norteadora e para quebrá-la o indivíduo sente a necessidade de produzir o mesmo efeito de imagem, a fim de chocar o receptor da mensagem de tal modo a conseguir fixar e (re)produzir uma nova imagem acerca do contexto. Entretanto, vale ressaltar que há dois elementos extremamente marcantes nesse contexto: o entrelaçamento às lógicas de consumo e a cultura da inspiração, visto que esta se torna um aspecto importante para que outras pessoas façam as mesmas ações e veiculem o mesmo discurso.

Ademais, a ação de Simone esbarra na concepção já consolidada que os fiéis têm acerca de figuras importantes na igreja. O pastor é visto como alguém que tem o papel de guiar as pessoas, mas quando é considerado um ativismo político que quebra com as perspectivas tradicionais da compreensão cristã há uma rejeição, mesmo que em âmbito privado. Isso demonstra a dificuldade de inserir pautas sociais nos espaços religiosos, uma vez que os indivíduos se utilizam de fundamentos consolidados para reforçar princípios individuais, estes que se sentem ameaçados com a tentativa de estabelecer novas imagens sobre reivindicações já presentes na sociedade, sobretudo por meio dos movimentos sociais.

Referências

ARIÈS, P. e DUBY, G.. **História da Vida Privada:** da Europa feudal à renascença. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2011.

CARLOTO, C. M.; MARIANO, S. A. **No meio do caminho entre o privado e o público:** um debate sobre o papel das mulheres na política de assistência social. Revista Estudos feministas, v. 8, n.2 , 2010.

CARVALHAES, S. A. C. **Glossolalia:** O Dom Includente Do Espírito Santo. Revista de Estudos da Religião, p. 42-61, 2010.

DEBORD, G. **Sociedade do Espetáculo.** Livro Virtual do Projeto Periferia, 2003. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>

FARINA, M.; PEREZ, C.; BASTOS, D. **Psicodinâmica das cores em comunicação:** 6 ed. Editora Bluscher, 2011.

FREITAS, H. G. **Pastor espetacular:** a imagem do pastor na sociedade midiática. Revista Teológica Discente da Metodista, v.2, n.2, p. 225-236, 2014.

MACHADO, M. D. C.; PICCOLO, F. D.; ZUCCO, L. P.; NETO, J. P. S. **Homossexualidade e Igrejas Cristãs no Rio de Janeiro.** Revista Rever, n. 01, p. 75-104, 2011.

NATIVIDADE, M. T. **Carreiras homossexuais e pentecostalismo:** uma análise de biografias. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, 2003.

PRIOR, H.; SOUSA, J. C. **A mudança estrutural do Público e do Privado.** Observatorio Journal, v.8, nº3, p. 1-16, 2014.

QUADROS, A. M.; MARCON, K. **Os conceitos de Público e Privado nas Redes Sociais e suas implicações Pedagógicas.** Revista Espaço Acadêmico, n. 160, p. 68-77, 2014.

ROSA, W. P. **Teologia social e política nos Anabatistas.** Revista Estudos de Religião, v. 30, n. 2, p. 127-142, 2016.

SALES, L.; MARIANO, R. **Ativismo Político de Grupos Religiosos e Luta Por Direitos.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, p. 9-27, 2019.

TEIXEIRA, Jacqueline. **A conduta universal:** O governo de si e as políticas de gênero na Igreja Universal. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia). 172f. Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.